

por que ler...

Diana Crane?

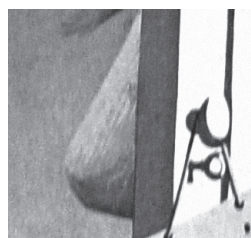
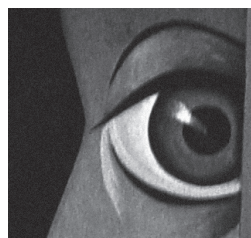
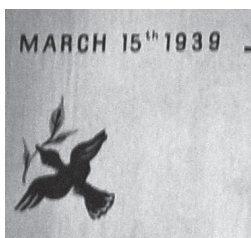
[MARIA LUCIA BUENO]

Doutora em Sociologia da Cultura e da Arte (IFCH-Unicamp), com pós-doutorado em Sociologia da Moda (Université Paris-Est Marne-la-Vallée), é autora, entre outros, de *Artes plásticas no século XX: modernidade e globalização* (Unicamp/Imprensa Oficial/Fapesp, 2001) e co-organizadora de *Cultura e consumo: estilos de vida na contemporaneidade* (Senac São Paulo, 2008).

E-mail: marialucia.bueno@gmail.com



Ilustração de Cassandra para capa da *Harper's Bazaar*, nº 15, março de 1939
Foto: Maria Lucia Bueno por cortesia da Biblioteca Fornay, Paris



No século XIX, a moda vinha, em grande parte, de uma única origem: Paris, cujos ditames eram amplamente aceitos em outras sociedades industriais. No século XX, a importância crescente da moda de outros países, dos líderes da moda na cultura de mídia e das subculturas centradas nas atividades de lazer tornou mais complexas as relações entre escolhas de vestuário e moda. Como o seu público potencial expandiu da esfera local para a nacional, e da nacional para a global, as organizações do mundo da moda se transformaram. No passado os criadores de moda de pequenas empresas urbanas procuravam adquirir prestígio e atrair clientes associando-se com as artes.

Hoje em dia, por causa da enorme competição em mercados globais, as organizações ligadas à moda julgam ser mais difícil estabelecer um negócio e sobreviver. Nesse ambiente, a roupa em si é menos importante que as estruturas criadas para vendê-la, estruturas essas que por sua vez podem ser usadas para vender produtos licenciados. Os consumidores não são mais vistos como *idiotas culturais* ou *vítimas da moda*, que imitam os líderes da moda, mas como pessoas que selecionam estilos com base em sua própria noção de identidade e estilo. A moda é apresentada mais como escolha que como imposição. Espera-se que o consumidor *construa* uma aparência individualizada a partir de um leque de opções. Sendo um amálgama de materiais extraídos de diversas fontes, os estilos de roupa têm significados diferentes para diferentes grupos sociais. Assim como alguns gêneros de música e literatura populares, os estilos de roupa são significativos para os grupos sociais em que se originam ou para aqueles aos quais são dirigidos, mas frequentemente incompreensíveis para os que estão fora desses contextos.¹

Com a globalização, na virada dos anos 1970 para os 1980, o mundo da moda foi se tornando cada vez mais complexo e sua importância social aumentou consideravelmente. O que no século XIX era privilégio das elites converteu-se num universo altamente segmentado, esfera de construção de identidades e estilos de vida, por onde passaram a transitar indivíduos de diferentes camadas sociais. O desenvolvimento de um novo mundo da moda gerou uma demanda de pesquisas empíricas e históricas, promovendo um florescimento dos trabalhos acadêmicos na área.

Os historiadores iniciaram esse movimento com a árdua tarefa de traçar uma história da moda na modernidade. Destacamos os estudos pioneiros, e já clássicos, de Daniel Roche e Phillipe Perrot². O primeiro versa sobre a cultura das aparências no Antigo Regime e o segundo gira em torno da indumentária burguesa no século XIX. Elisabeth Wilson³, na Inglaterra, e Gilles Lipovetsky⁴, na França, publicaram em 1987 os primeiros ensaios críticos sobre a evolução da moda nos séculos XIX e XX. Por tradições e caminhos diversos deslocaram o foco do debate da questão da distinção social, a abordagem predominante até então, para a questão dos estilos de vida.

Da classe para o consumo: um novo modelo para pensar a moda

Os anos 1990 assinalaram a formação dos primeiros polos de pesquisa em moda e ciências humanas, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Itália e na França. O trabalho da norte-americana Diana Crane insere-se nessa vertente como uma das leituras mais originais desta nova safra. *A moda e seu papel social: classe gênero e identidade das roupas* descortinou novas perspectivas para a reflexão ao aproximar-se do mundo

da moda incorporando a problemática da globalização. Desvendando a dinâmica e o modo de operação desse setor na sociedade contemporânea, nos fornece um modelo e uma metodologia para pensarmos o tema nos séculos XX e XXI.

Trabalhando com exemplos coletados nos Estados Unidos, na Inglaterra e na França, a autora examina a moda e as escolhas de vestuário, em diferentes grupos e segmentos sociais, a partir de recortes pouco usuais — como gênero, preferências sexuais ou concepções ideológicas. A relação da classe operária com as roupas, o vestuário alternativo das mulheres, a moda masculina, a prática dos uniformes como forma de controle social, os polos globalizados da moda são alguns dos aspectos originais dessa abordagem, que retira o foco das elites e da distinção social redirecionando-o para as identidades e os estilos de vida. Para Crane, na sociedade contemporânea pós-industrial, evoluímos da moda centrada nas classes para a moda voltada para os diferentes estilos do público consumidor. Nessa atmosfera a roupa e a moda tendem a operar cada vez mais na desorganização das barreiras sociais como agentes de confusão.

A autora

Socióloga da cultura e da arte, autora de estudos clássicos sobre arte contemporânea, indústria cultural e globalização, a norte-americana Diana Crane enveredou pelo universo da moda respaldada por uma sólida trajetória intelectual. Fundamentada em onze anos de pesquisas de campo, empreendeu uma leitura crítica das teorias correntes nas ciências humanas, propondo aproximações até então inéditas com o tema.

A pesquisa

A qualidade e a diversidade de fontes utilizadas pela autora respondem pelos aspectos mais substantivos da obra, conferindo autoridade a suas argumentações. Os estudos realizados por Frédéric Le Play e colaboradores com famílias operárias francesas na segunda metade do século XIX, reunidos nos arquivos de *La Société Internationale des Etudes Pratiques d'Economie Sociale* (1857-1928), constituem certamente o material mais significativo do repertório.

Mas Crane recorreu também a outros conjuntos de dados, entre os quais destacamos os estudos de orçamentos familiares nos Estados Unidos, realizados entre 1870 e 1890; a documentação fotográfica recolhida em várias fontes; os acervos de indumentária de diferentes museus; a consulta sistemática a periódicos do comércio e da indústria, especialmente o *Journal du Textile* em Paris; assim como os levantamentos sobre consumo e produção no contexto contemporâneo realizados pela própria pesquisadora.

Ao descortinar horizontes de análise, a obra da socióloga apresenta simultaneamente o registro do desenvolvimento de um processo investigativo. Por meio desse duplo movimento, assinala a relevância fundamental da pesquisa, tanto para a construção de novas perspectivas teóricas quanto para a consolidação do campo de estudos da moda nas ciências humanas.

Podemos afirmar, sem cometer exageros, que o livro de Diana Crane é uma leitura fundamental e obrigatória para todos aqueles — acadêmicos, profissionais e amadores — que desejam decifrar os mistérios desse universo tão comentado, mas ainda tão pouco pesquisado.

NOTAS

[1] CRANE, Diana. A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Senac, 2006, p. 46-47.

[2] ROCHE, Daniel. A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII). São Paulo: Senac, 2009. PERROT, Philippe. Le dessus et les dessous de la bourgeoisie: une histoire du vêtement au XIX siècle. Paris: Fayard, 1981.

[3] WILSON, Elisabeth. Enfeitada de sonhos: moda e modernidade. Lisboa: Edições 70, 1989.

[4] LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.



...o Brasil ou trans...
...a flora lo...
...e converter...
...écies inv...
...ar...
...qual...
...se levadas...
...ossistema, podem...
...e de form...
...coordena...
...auna do Instituto...
...Meio Ambiente...
...s Rom...

...o Brasil ou trans...
...a flora lo...
...e converter...
...écies inv...
...ar...
...qual...
...se levadas...
...ossistema, podem...
...e de form...
...coordena...
...auna do Instituto...
...Meio Ambiente...
...s Rom...

...o Brasil ou trans...
...a flora lo...
...e converter...
...écies inv...
...ar...
...qual...
...se levadas...
...ossistema, podem...
...e de form...
...coordena...
...auna do Instituto...
...Meio Ambiente...
...s Rom...



...o Brasil ou trans...
...a flora lo...
...e converter...
...écies inv...
...ar...
...qual...
...se levadas...
...ossistema, podem...
...e de form...
...coordena...
...auna do Instituto...
...Meio Ambiente...
...s Rom...

...o Brasil ou trans...
...a flora lo...
...e converter...
...écies inv...
...ar...
...qual...
...se levadas...
...ossistema, podem...
...e de form...
...coordena...
...auna do Instituto...
...Meio Ambiente...
...s Rom...

...o Brasil ou trans...
...a flora lo...
...e converter...
...écies inv...
...ar...
...qual...
...se levadas...
...ossistema, podem...
...e de form...
...coordena...
...auna do Instituto...
...Meio Ambiente...
...s Rom...

